



MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E COMEMORAÇÕES: DUQUE DE CAXIAS E A FESTA DE SANTO ANTÔNIO

OLIVEIRA, Renata de Almeida

*Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social
(PPGMS/UNIRIO)*

cultura.renata@gmail.com

ABREU, Regina

Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)
abreuregin@gmail.com

269

RESUMO

Este artigo corresponde às primeiras reflexões de minha Tese de Doutorado. A cidade de Duque de Caxias tem representações simbólicas muito fortes. É uma cidade onde a valorização de personagens e festividades são exaltadas tanto pela população quanto pelas autoridades locais. Tal fato pode ser percebido pelo próprio nome da cidade: Duque de Caxias. Luis Alves de Lima e Silva, na percepção dos agentes sociais da cidade é seu cidadão mais ilustre, visto ter nascido na região. A representação do Patrono do Exército e também Patrono da Cidade é o pontapé inicial para uma série de representações simbólicas dentre as quais se encontra a Festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. A festa acontece há mais de 50 anos na cidade e já passou por diversas fases. Com o tempo cresceu e ganhou diversos apoios. É uma festa que mistura o tradicional, a religiosidade e o novo, as festividades e, este artigo pretende fazer uma breve análise da festa e da sua importância para a cidade. Seria a festa um patrimônio imaterial?

Palavras-chave: Memória, Patrimônio Imaterial, Comemorações.

ABSTRACT

This article corresponds to the first reflections of my Doctoral Thesis. The city of Duque de Caxias has important symbolic representations. It's a city where the appreciation of characters and festivities are exalted by the population and the local authorities. The name of the city, Duque de Caxias, shows that characters in the story of the city are important. Luis Alves de Lima e Silva, on perception of social agents of the city, is the most illustrious citizen, because he was born in the region. The representation of the "Patron of the Army" and also the "Patron of the City" is the beginning of many symbolic representations. One of these representations is the Feast of St. Anthony, "Patron Saint of the City." The party has for over 50 years in the city and has had many phases. Over time the festival grew and conquered various supports. It's a celebration that blends the traditional, religiosity and the new, the festivities. This article aims at a brief analysis about the party and its importance to the city. This party would be an intangible heritage?

Key-words: Memory, Intangible Heritage, Commemorations.



INTRODUÇÃO

“Que seria de mim meu Deus
Sem a fé em Antônio
A luz desceu do céu
Clareando o encanto
Da espada espelhada em Deus
Viva, viva meu santo”.
(J. Velloso)

Cocada, cuzcuz, pé de moleque! Uma festa, uma comemoração! Uma cidade a se preparar para um dos mais importantes eventos do ano: a comemoração de seu Padroeiro. Estou escrevendo sobre a cidade de Duque de Caxias que tem como Padroeiro o Santo Antônio, popularmente conhecido como o “Santo Casamenteiro”. E é sobre as relações das comemorações do Padroeiro e a cidade que pretendo apresentar uma reflexão neste artigo.

É importante destacar que a cidade possui tradicionalmente representações simbólicas muito fortes. Tais representações partem da própria população ou de agentes locais, como representantes do governo e representantes religiosos. A força com que os símbolos estão presentes no cotidiano da cidade é notória. No entanto, antes de aprofundarmos neste assunto, considero importante situar a cidade.

O Município de Duque de Caxias possui grande importância para o Estado do Rio de Janeiro. Com população estimada em 2013 de 873.921 habitantes e por possuir 467,619 km², segundo dados do IBGE, abriga o segundo maior colégio eleitoral e o segundo maior Produto Interno Bruto do Estado. No entanto, os investimentos em setores básicos para a população ainda estão aquém do Estado do Rio de Janeiro e de uma grande Metrópole. A população convive com falta d’água e de saneamento básico, saúde e escolas precárias. Ainda assim, os dados comprovam a importância econômica da cidade mesmo que aparentemente não tenha retorno para a população.

Considerando essa importância que a cidade de Duque de Caxias ganhou, o destaque para este artigo se refere justamente ao crescimento da valorização das ações culturais locais. Esse trabalho é realizado, no âmbito social, por agentes culturais e historiadores da cidade e, no âmbito público, através do Instituto Histórico e Geográfico



e do trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e, também pela Secretaria de Comunicação e Ações Institucionais, que possui um setor de Eventos.

Deste modo, considero que a cidade não é apenas um amontoado de ruas, casas, transporte e uma tentativa de funcionamento orgânico e sim, o conjunto de ações que possam ser desenvolvidas naquela localidade, como afirma o autor Robert Ezra Park, logo no início de seu artigo intitulado “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”:

... a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição (PARK, 1916, 01).

Em seguida, o autor complementa afirmando os processos vitais que envolvem as pessoas que compõem a cidade e é nesse sentido que a Comemoração da Festa de Santo Antônio se insere nos processos dinâmicos e vitais que envolvem o cotidiano dessa cidade.

CONSTRUINDO A MEMÓRIA SIMBÓLICA DA CIDADE

A cidade de Duque de Caxias possui representações simbólicas muito fortes e que levam ao acontecimento de diversas comemorações que mobilizam seus diversos setores. Tal fato pode ser inicialmente observado justamente na escolha do nome da cidade: Duque de Caxias. Essa escolha se justifica por causa do nascimento de Luís Alves de Lima e Silva na cidade, mais especificamente na “Fazenda São Paulo”, localizada em um bairro atualmente denominado Taquara, interior do município.

Sendo assim, se podem destacar diversas manifestações simbólicas que muitas vezes passam despercebidas por estarem completamente integradas ao cotidiano local. Deste modo, se destaca o Bairro denominado “Jardim 25 de agosto”, data do nascimento deste homem, Patrono do Exército Brasileiro, e que atualmente é comemorado o “Dia do Soldado”. Neste bairro localiza-se ainda a “Avenida Brigadeiro



Lima e Silva”, uma das principais avenidas da cidade que homenageia o nome de seu Patrono. Dentro da coleção simbólica da cidade, comemorando este Patrono, existe ainda a “Praça do Pacificador” – como ficou conhecido pela sua atuação no Império –, onde atualmente abriga o “Centro Cultural Oscar Niemeyer” o qual abrange o “Teatro Municipal Raul Cortez” e a “Biblioteca Governador Leonel de Moura Brizolla”, construções que foram projetos do arquiteto que leva o nome da praça e são as únicas na Baixada Fluminense por ele assinadas. Na arquitetura da Biblioteca contém o símbolo “Z” que seria uma representação do Prefeito que levou o espaço para a cidade, José Camilo Zito dos Santos Filho, e é notoriamente um símbolo legitimado pela população pelos seus feitos.

A grande comemoração que reverencia o fato de Luiz Alves de Lima e Silva, Patrono do Exército Brasileiro, e que seu título concedido em 23 de março de 1869 – um dia depois de ser desligado oficialmente das forças em operações no Paraguai – tornou-se nome do Município, se dá no dia 25 de agosto quando ocorre o desfile cívico na cidade, com a participação de diversas escolas, sendo um importante evento do calendário anual de comemorações.

Destaca-se também outro personagem que desperta curiosidade e está presente no imaginário da população: um dos migrantes mais conhecidos que saíram do Nordeste e se instalaram na Baixada Fluminense foi Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, que se popularizou como Tenório Cavalcanti ou, também, como “o homem da capa preta”. O político Tenório, apesar de ser conhecido como “O Deputado Pistoleiro”, impulsionou a política e a economia da cidade de Duque de Caxias e até os dias atuais gera polêmica e muitas discussões, em histórias ainda vivas nas memórias da população, sobretudo pelas curiosidades geradas pelas suas ações, tal como, sua Fortaleza e os caminhos desconhecidos que levam a diversas saídas pela casa, como um labirinto. Tenório não é um político que possui um dia e comemoração próprios na cidade, no entanto, sua presença é marcante na construção histórica e política da cidade, e se tornou tema de um filme, livros, sendo um ícone e uma incógnita nacional.

Por fim, destaco outro importante símbolo, uma comemoração que é o objeto deste artigo que se refere ao Padroeiro da cidade de Duque de Caxias: Santo Antônio. Anualmente a Paróquia de Santo Antônio em parceria com a Prefeitura da Cidade



realiza a Festa que comemora o Santo Padroeiro, tem duração de 5 dias e além dos rituais religiosos que envolvem essa comemoração, há também diversas atividades e ações pedagógicas e culturais. Para finalizar, existe ainda uma rua em homenagem ao Santo, localizada no bairro Vila São Luiz.

O debate acerca das questões simbólicas na cidade de Duque de Caxias está claramente vinculado aos conceitos de comemorações, memória, história e patrimônio intangível e espero que tal fato seja perceptível ao longo desse artigo.

Notoriamente os símbolos estão além da pedra e cal, passam por pessoas, imagens. São construções ou formações de heróis como foi claramente evidenciado por José Murilo de Carvalho no capítulo de seu livro “A Formação das Almas” onde ele disserta acerca da escolha de Tiradentes como “um herói para a República”. Neste caso, o autor coloca a escolha de Tiradentes com algo que partiu da necessidade de se ter um personagem que representasse a história oficial. Já na cidade de Duque de Caxias também acontece essa construção de seus heróis. O primeiro exemplo se dá através de seu próprio Patrono, o Duque de Caxias. Um personagem muito importante historicamente, escolhido como Patrono do Exército Brasileiro, também foi escolhido para ser o representante legítimo quando se trata de se “lembrar e comemorar” a cidade. No entanto, não necessariamente as escolhas pelos heróis da cidade partem de uma vontade oficial de órgãos públicos. Muitas vezes são escolhas feitas pela população, como por exemplo, mitológico, mesmo que ainda vivo José Camilo Zito dos Santos Filho, que foi Prefeito da cidade por 12 anos e se tornou famoso por ter “tirado Duque de Caxias da lama” literalmente.

COMEMORANDO A CIDADE

Nascido em Lisboa por volta do ano de 1193, o Santo conhecido como Antônio foi batizado como Fernando Martinho de Bulhões na Sé Catedral de Lisboa. O local em que nasceu é hoje uma igreja que leva o nome de “Santo Antônio de Lisboa” e conserva sua cripta, que recebe diariamente centenas de fiéis, afinal, é um dos mais importantes pontos turísticos da cidade de Lisboa, visto que Santo Antônio é Padroeiro de Portugal e o primeiro português a ser santificado e reconhecido internacionalmente.



Do outro lado do oceano, Santo Antônio é também Padroeiro de uma das cidades mais importantes da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro: Duque de Caxias. A festa de Santo Antônio é um evento muito tradicional na cidade. Esta etapa do artigo será relatada de acordo com entrevistas realizadas na festa que aconteceu entre os dias 11 e 15 de junho de 2014. Tais entrevistas foram realizadas com fieis, visitantes, autoridades do governo municipal e religiosas.

Deste modo, me refiro a uma etapa da pesquisa de inspiração antropológica, em que participei de alguns momentos das discussões acerca da organização de festa, bem como, vivenciando todos os dias do evento.

Ao utilizar a metodologia da etnografia *“vivenciamos a experiência do viajante que percorre uma região, buscando exercitar um olhar que estranha, que inquire, que indaga, que procura novos ângulos, novas perspectivas, novas faces de paisagens já vistas e consagradas”*. (ABREU, mimeo). A etnografia é a pesquisa, no sentido de que é a partir do campo, dos agenciamentos que o campo proporciona que o trabalho vai tomar corpo.

Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada, uma mudança. Deleuze (1977:84) escreve que a única unidade do agenciamento é o “co-funcionamento”, que ele também chama de “simpatia”. Na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de conexão, de falar “com”, agir “com”, escrever “com”. A *simpatia* para Deleuze (1977:66) é essa composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais, verbais etc.), essa “penetração de corpos”, essa afecção nos agenciamentos, e não “um vago sentimento de estima”. Pode envolver amor ou ódio, ela é o modo de conexão nos agenciamentos, o “co-funcionamento”. (CAIAFA, 2007, 152)

As relações estabelecidas no campo entre o observador-participante e o narrador, então, é diferente da relação com o informante. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, *“a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”* (BENJAMIN, 1993, 198)



A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência pessoal do narrador. Para Benjamin, os grandes modelos de narradores eram o velho artesão que conhecia as tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que narrava suas experiências, adquiridas em viagens. (GONÇALVES, 2009, 172)

Deste modo, podemos considerar o velho artesão os narradores que encontramos no caminho, e nós, etnógrafos, o marinheiro, que narra experiências adquiridas nas viagens. Em muitos museus encontramos a imagem do velho artesão Benjaminiano, pessoas que conhecem a história da cidade profundamente e transformam essa história em suas memórias pessoais, pois fizeram parte da construção da identidade local, ou de alguma forma, consideram importante preservar essas memórias.

A receptividade tanto por parte dos membros da igreja, desde o Padre responsável pela Paróquia até as pessoas das Congregações que auxiliam na organização da festa e do Poder Executivo local foi muito boa. A valorização de um evento cultural da cidade desperta um misto de curiosidade e satisfação sendo inclusive um impulso para elevar a autoestima da população de uma cidade que abriga diversos problemas sociais.

A sutileza com que o evento é organizado pelas pessoas – em sua maioria senhoras – que integram as Irmandades Religiosas é encantador. Cada detalhe é pensado de acordo com a programação tradicional da festa. As festividades se iniciam no dia 31 de maio com a “Trezena de Santo Antônio”¹ e termina no dia 12 de junho, dia em que é comemorado o “Dia dos Namorados” no Brasil. Pude acompanhar a trezena que não modifica a programação da igreja: os dias das missas de intenções não se alteram. A diferença da “Trezena de Santo Antônio” é poder acompanhar devotos ao santo que todos os dias vão fazer seus agradecimentos e pedidos. Além disso, a história de Santo Antônio e seus Milagres são exaltados em diversos momentos da Missa que termina com um momento de devoção e adoração.

¹ Diferente do que acontece na cidade Lisboa, onde nasceu Santo Antônio. Lá, a trezena se inicia no dia 1 de julho e vai até o dia 13 de julho, dia próprio do Santo.



A abertura da festa aconteceu no dia 11 de junho com a tradicional missa da “Trezena de Santo Antônio”, presença de autoridades locais e shows. É importante destacar que a festa é dividida em duas partes. A primeira, a festa que acontece no pátio e no salão de eventos da própria Paróquia. Nesta festa, as barracas pertencem às Irmandades Religiosas, acontecem shows no salão de eventos e atividades tradicionais da festa. Do lado externo da Igreja, o apoio da Prefeitura é evidente. Foram colocadas 59 barracas de comidas e bebidas, stands culturais, onde artistas da cidade puderam mostrar sua arte, caminhão da ciência, caminhão da leitura, “Circuito Gastronômico” – um local onde os principais restaurantes da cidade estavam apresentando seus cardápios, em um estilo “Praça de Alimentação”. De fato, o “Circuito Gastronômico” é um espaço separado, onde os produtos são mais caros e é frequentada por uma classe econômica mais elevada da cidade –, diversos shows que aconteceram no palco externo do Teatro Municipal Raul Cortez, que se localiza no Centro Cultural Oscar Niemeyer e a II Feira Literária que reuniu uma série de eventos como espetáculos teatrais, conversa com autores e lançamento de livros. O cartunista Ziraldo criou a logomarca do evento e esteve na festa em uma das atividades da Feira Literária.

Nas entrevistas realizadas, pude perceber a presença de devotos de diversas religiões tanto nos eventos que aconteciam dentro quanto nos eventos que aconteciam fora da Paróquia. Estima-se que cerca de 250 mil pessoas estiveram na Festa de Santo Antônio ao longo dos 5 dias².

No dia 12 de outubro acontece o “Jantar dos namorados” elaborado e organizado pelas Irmandades. A escolha do cardápio, compra do material e venda dos convites é feito pelas Senhoras com muito afinho e devoção. Neste dia, se encerra a “Trezena de Santo Antônio” e se realizam ações de reafirmação dos votos de amor entre casais. É importante destacar a presença de casais que se conheceram na festa em anos anteriores. Alguns todos os anos frequentam a festividade em agradecimento ao Santo, conhecido como “Casamenteiro”. Crendice popular ou não, os fiéis passam os treze dias de orações e mais os 5 dias de festa amarrando seus pedidos no Santo, geralmente para amor e saúde, já que Santo Antônio é também conhecido por ser “o santo das causas imediatas”.

² De acordo com dados da Defesa Civil.



Em 13 de junho, dia em que se comemora o Santo Antônio, é feita a distribuição dos pães, que os devotos colocam em potes de alimentos não perecíveis ou, até mesmo se alimentam. Neste dia, na porta da Igreja um fato chamou a atenção. A presença de Pai Ricardo de Ogum, que disse estar ali, pois tinha como missão ir para o Rio de Janeiro e no dia 13 de todos os anos estar na porta de uma Igreja de Santo Antônio dando o que ele chamou de “Axé”. Na manhã deste dia, logo após pegar o pão e assistir a Missa dos Devotos, muitos fieis paravam diante de Pai Ricardo de Ogum para “tomar o axé”. É um fato curioso e que mostra a diversidade religiosa local e da festividade. Não cabe ainda neste artigo falar sobre a representação de Santo Antônio em outras religiões, no entanto, esse é um fato curioso que deve ser ressaltado na etnografia da festa.

Na noite do dia 13 de junho a Procissão de Santo Antônio é o grande destaque. Os fieis seguem a imagem pelo calçadão da cidade. Neste momento avistei uma criança vestida de Santo Antônio. De acordo com a mãe, ela e o filho estavam pagando uma promessa, agradecendo ao Santo pela cura de uma enfermidade.

O Padre Renato Gentile destacou a importância da festa e o crescimento da Paróquia. De acordo com ele, a escolha de um Padroeiro Franciscano foi um presente deste grupo que circulava a cidade.

A Festa de Santo Antônio é assim. Um misto de devoção, festa, quermesse. Um misto de classes econômicas, grupos religiosos e pessoas que querem aproveitar uma quermesse. Não podemos afirmar que as 250 mil pessoas presentes ao longo dos 5 dias de festividades estavam presentes em devoção, afinal, alguns entrevistados que se denominaram “evangélicos” afirmaram que estavam na festa pelas comidas típicas, shows e não frequentaram as missas.

Considerando a importância e como a Festa de Santo Antônio influencia na dinâmica da cidade, desde sua organização até sua realização. Sendo assim, seria a Festa de Santo Antônio um Patrimônio Cultural e Imaterial da Cidade?



UM BREVE HISTÓRICO ACERCA DAS POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO

Na tentativa de responder brevemente a pergunta que finalizou a sessão anterior, considero importante traçar uma construção das políticas de patrimônio no Brasil. Existem vertentes diferenciadas quanto ao surgimento da categoria Patrimônio. De acordo com Arantes (2009, 11), *“os grupos humanos atribuem valor diferenciado a estruturas edificadas, ancoram suas visões de mundo, materializam suas crenças ou testemunham episódios marcantes da memória coletiva”*. Esta colocação do autor resume claramente a necessidade que surgiu acerca da preservação do patrimônio intangível, o patrimônio imaterial, ou seja, o saber fazer, práticas, rituais, comemorações, o registro do que não se pode tocar.

Com o passar dos anos e, após diversas pesquisas realizadas no campo do patrimônio, é perceptível o surgimento de suas diversas categorias. Além dos patrimônios materiais, também chamados de tangíveis ou “Pedra e cal” – os que corpificam, edificados –, surgiram outras categorias como do Patrimônio cultural, o patrimônio intangível e o patrimônio genético, os quais interagem entre si, dialogando também com o patrimônio material.

É importante observar que conforme essas modificações ocorreram, foi necessário também que modificações jurídicas fossem realizadas, sendo criadas novas legislações, e Instituições como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), por exemplo, que ajudam a estabelecer “regras” de caráter mundial para definir o que é patrimônio em suas diversas formas de ser abordado.

Gonçalves (2009)³ define a noção “patrimônio” como uma categoria universal. Está usando o “Patrimônio” como valor cultural, social. Pode-se discutir o que vai ser preservado, o que será definido como Patrimônio, no entanto, segundo o autor, é indiscutível que em toda sociedade o Patrimônio está presente, mesmo que ainda não seja reconhecido.

³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *“O patrimônio como categoria de pensamento”*, in: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, RJ, 2ª Ed., DPA, 2009.



Patrimônio é um termo dos termos mais utilizados em nosso cotidiano, e para se chegar a essa conclusão é importante considerarmos as diversas formas as quais podemos pensá-lo. A noção de patrimônio está associada à ideia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. O sentido jurídico refere-se ao complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse, e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômica. A partir disso, conclui-se que estamos tratando de uma categoria de Patrimônio a qual possui cunho mais pessoal. Além do Patrimônio Jurídico, é importante destacar que existem outras categorias de patrimônio também muito importantes, tais como: os chamados “Patrimônios da Humanidade”, o patrimônio tangível, o patrimônio intangível, o patrimônio genético etc.

Antes de caracterizar as demais categorias de patrimônio expostas além do sentido jurídico, é importante salientar que foi apenas a partir do ideário da Revolução Francesa que o significado de patrimônio se estendeu do privado, dos bens de uma pessoa ou de um grupo de pessoas para o conjunto dos cidadãos.

Então, outra categoria a qual considero fundamental a ser exposta nesse trabalho refere-se ao patrimônio material, também chamado de patrimônio tangível. Esta, que é uma categoria muito importante, abrange em sua conceituação o patrimônio edificado, é algo concreto inserindo-se assim, monumentos, prédios, edifícios, obras de arte, ou seja, bens que corpificam. Para se preservar essa categoria de patrimônio é feito o tombamento, ou seja, os bens são juridicamente preservados.

O Patrimônio Cultural é uma categoria bastante discutida. É importante ressaltar tal fato, tendo em vista que a produção de patrimônio cultural não está ligada somente à seleção de edificações, sítios e obras de arte.

Sendo assim, inserido no contexto do patrimônio cultural, e considerado uma presença recente em sua política, deve-se destacar uma nova categoria de patrimônio muito discutida e estudada ultimamente: o patrimônio imaterial, também chamado de patrimônio intangível, e, sendo oposto ao patrimônio material, relaciona os bens “abstratos” tais como ritos, mitos, festas, culinária, danças, tradições, costumes, música, esta é a forma de patrimônio que destaca o “saber-fazer”.



No entanto, embora de certa forma relacione os bens abstratos, não se pode afirmar que o patrimônio imaterial é um conjunto de abstrações, visto a notória necessidade de se haver suporte físico. Sendo assim, observamos que há também uma dimensão material e simbólica, ou seja, há presença de patrimônio material no patrimônio imaterial. O patrimônio intangível tem como características principais a transitoriedade e a fugacidade, não se materializando em produtos duráveis.

Fonseca (2009)⁴, cita o exemplo da arte dos repentistas: o cantador e o instrumento estão presentes fisicamente, mas há a capacidade dos cantadores de utilizarem o improviso, as técnicas de composição etc. Outro exemplo citado é a cultura corpórea indígena. Há o valor estético, mas há também, o valor, os padrões relativos àquela pintura são codificados pela tradição e funcionam como sinais distintivos entre membros do grupo. É uma prática ritual, cujo valor simbólico só tem sentido num determinado conteúdo.

Para se preservar o patrimônio intangível, é feito o seu registro e não o tombamento, pois esta é uma prática de preservação a qual está inserido o patrimônio material. Já nos registros, há a presença de escritos, sonoros, visuais etc.

Outra categoria de patrimônio muito discutida está relacionada ao patrimônio genético. Esta categoria está intimamente ligada ao patrimônio intangível e dizem respeito a um momento de redirecionamento das preocupações de ordem mundial.

A biodiversidade brasileira é muito grande. Apenas na Amazônia existem 20.000 plantas além das espécies vegetais, mamíferos, aves, répteis, insetos e peixes existentes na mata atlântica, no cerrado, no pantanal, na caatinga, nos manguezais, nos campos sulinos e nas zonas costeiras. Sendo assim, é importante ressaltar a Lei de Patentes, a qual permite que um princípio ativo, revelado pelo conhecimento tradicional da Medicina Botânica numa comunidade possa ser registrada como propriedade em outro país. Desta forma, os royalties pelas vendas de produtos jamais retornam a essas comunidades.

⁴ FONSECA, Maria Cecília Londres. “*Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*”, in: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, 2^a Ed., RJ, DP&A, 2009.



Segundo Abreu (2009)⁵, a questão do patrimônio apresenta-se como um espaço de conflitos e interesses contraditórios, ocorrendo pelo menos duas mudanças significativas: a organização da sociedade civil e a afirmação do conceito antropológico de cultura.

Resalto então, a necessidade que se tornou cada vez mais latente de que fossem criadas políticas de patrimônio, legislações e instituições criadas para tratar a respeito de novas categorias de patrimônio que surgiram nos últimos anos.

No Brasil, Mario de Andrade exerceu forte influência sobre a instauração do patrimônio imaterial, elaborando um projeto para o Serviço do Patrimônio Artístico nacional em 1936. Foi ele quem criou alguns critérios para atribuir valor cultural ao patrimônio imaterial, sendo eles: premiações, referências em textos de História da Arte ou de crítica, integração em coleções particulares, principalmente de museus, divulgação em exposições etc⁶.

É importante destacar que a preservação do Patrimônio pode ser feita através do tombamento dos bens ou de seu registro. O tombamento está diretamente ligado ao plano material tendo sido criado em 1937 pelo Decreto-Lei 25. Para o patrimônio imaterial são feitos registros, os quais Mario de Andrade foi pioneiro, já que documentou manifestações dessa natureza ao longo de sua vida.

A maior abrangência de conceituação de patrimônio abriu espaço não apenas para a cultura popular, mas também para os “bens imateriais” que além de serem uma categoria de difícil definição, tem sentido somente se significarem uma prática regular. A nova política de patrimônio do IPHAN, o Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, como cita Oliven (2009)⁷ “*institui o Registro de bens Culturais da Natureza Imaterial, que constituem o patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e da outras providências*”. Este Instituto de Registro não é apenas um instrumento análogo de tombamento e sim um recurso de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial. Os bens selecionados são registrados em livros, onde cada categoria de patrimônio cultural tem sido registrada em um livro específico.

⁵ ABREU, Regina. “A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio”, in: ABREU, R. e CHAGAS, M. (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, RJ, 2ª Ed., DP&A, 2009.

⁶ Ver CHAGAS, Maurício. “*Patrimônio Cultural*”, in: TINOCO, Livia Nascimento. ANDRADE, Ricardo Rangel de. e PAIVA, Salma Saddy Wares de, *O ministério Público do Patrimônio Cultural*, Goiânia, ICBC, 2004.

⁷ OLIVEN, Ruben George. “*Patrimônio intangível: considerações iniciais*”, in: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, 2ª Ed., RJ, DP&A, 2009.



Este registro deve ser feito no mínimo a cada dez anos, afinal, essa categoria de patrimônio admite mutações culturais que podem ocorrer ao longo do tempo, sendo assim, os registros devem ser feitos considerando essa dinâmica do patrimônio imaterial.

Além de Mario de Andrade, outra personalidade influenciou na sedimentação do patrimônio cultural no Brasil: Aloísio Magalhães com as experiências que realizou no Centro Nacional da Referência Cultural (CNRC) e na fundação nacional Pró-memória.

Vale nesse item ressaltar que Gonçalves (2002)⁸ aponta uma aproximação das ideias de Aloísio Magalhães com as ideias do projeto original de Mário de Andrade, de 1936, que segundo Aloísio não estavam sendo utilizadas pela instituição até então.

A proposta de Aloísio para o patrimônio cultural brasileiro se deu no sentido de substituir o “patrimônio histórico e artístico” implementada anteriormente por Rodrigo Melo Franco de Andrade⁹, pela noção de “bens culturais” tendo como propósito *“identificar e preservar o caráter nacional brasileiro de forma que o processo de desenvolvimento econômico e tecnológico possa prosseguir sem que isso represente uma perda de autonomia cultural frente aos países do primeiro mundo.”* (GONÇALVES, 2002, 51).

Uma mudança muito importante que ocorreu nas Políticas de Patrimônio está relacionada à atualização no artigo 216 da Constituição Federal¹⁰, o qual ampliou o conceito de patrimônio incluindo não apenas os bens de natureza material, mas também os de natureza imaterial sendo definido o que é considerado Patrimônio Cultural Brasileiro.

Pode-se perceber então que ultimamente estão sendo implantadas não apenas no Brasil, mas no Mundo, diversas políticas de patrimônio. A importância de preservar é cada vez maior e está cada vez mais ligada a consciência de importância da diversidade. A inserção do patrimônio intangível é fundamental para a construção de uma identidade nacional.

⁸ GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2002.

⁹ Segundo Gonçalves (2002), o discurso de Rodrigo aponta para a ideia de conscientização da preservação, sendo importante dar destaque também à ideia de “causa do patrimônio”.

¹⁰ Ver CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 09/07/2013.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero importante que se destaque o quanto a Festa de Santo Antônio se insere na vida das pessoas. Muitas histórias de vida foram relatadas, muitas pessoas que já foram “barraqueiros”, que conheceram seus maridos e esposas, que pagam promessas. De alguma maneira, integra a vida cotidiana da população, é esperada, desde as ações religiosas que lota a igreja de fieis durante as atividades que se iniciam no dia 31 de junho na “Trezena de Santo Antônio” até o último dia de festa.

È importante ressaltar, que existe uma espécie de ritual que envolve essa comemoração: se inicia pela “Trezena de Santo Antônio”, as barracas, o jantar dos namorados no dia 12 de junho e reafirmação de votos dos casais; uma série de missas que se iniciam na manhã do dia 13 de junho – dia de Santo Antônio –; distribuição do pão de Santo Antônio entre outras ações que acontecem na cidade durante a semana em que o Santo é comemorado. Deste modo, considero importante o debate acerca da patrimonialização da festa na cidade, tanto pela tradição das ações que acontecem quanto pela importância e influência concedida tanto pela igreja, quanto autoridades e, bem como e, principalmente, a população.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio, *in*: ABREU, R. e CHAGAS, M. (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, RJ, 2ª Ed., DP&A, 2009.

ARANTES, Antônio A. Patrimônio Cultural e Cidade. *In*: FORTUNA, Carlos. LEITE, Proença Rogério. (Orgs) *Plural Social: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra, 2009.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993;

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALABRE, Lia. *Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.



CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAGAS, Maurício. “Patrimônio Cultural”, *in*: TINÔCO, Lívia Nascimento. ANDRADE, Ricardo Rangel de. e PAIVA, Salma Saddi Wares de. *O ministério Público do Patrimônio Cultural*, Goiânia, ICBC, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *in*: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, 2ª Ed., RJ, DP&A, 2009.

GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *in*: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, RJ, 2ª Ed., DPA, 2009.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O (bom e velho) Caderno de Campo*. Sexta Feira (São Paulo), São Paulo, v.1, 1997.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. *in*: ABREU, R. e CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª Ed., RJ, DP&A, 2009.

PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestão para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. *American Journal of Sociology*, XX (março, 19), pp. 577-612.